

scythe & sparrow
trilogia amor ruinoso | livro 3
brynne weaver

Tradução de Isabel Baptista

CONTEÚDO E ADVERTÊNCIAS

Por muito que *Scythe & Sparrow* seja uma comédia romântica sombria e que, esperemos, o faça rir no meio da loucura, não deixa de ser sombria! Por favor, leia com responsabilidade. Se tiver alguma dúvida sobre esta lista, por favor não hesite em contactar-me através de brynneweaverbooks.com ou numa das minhas redes sociais (sou mais ativa no Instagram e no TikTok).

- Globos oculares... outra vez. Se serve de consolo, não sei porque é que continuo a escrever sobre eles nos meus livros, porque as merdas com globos oculares dão-me um cagaço do caraças
- E pálpebras também. Yep. Agora estamos aí
- Não tenho a certeza se realmente estou a estragar o algodão doce ou se talvez o esteja apenas a sujar
- Possivelmente salsichas e/ou cachorros-quentes
- Uso indevido de agrafadores
- Guaxinins drogados poderão ser um gatilho? Debate!
- Palhaços
- Palhaços *sexy*
- Traumatismos médicos, incluindo ferimentos graves, ambulâncias, fraturas expostas, feridas de punção, perda de sangue, hospitais, recuperação cirúrgica
- Empalamento (não do tipo *sexy*, mas pronto... isso também)
- Referências a abuso físico doméstico (não representado), abuso psicológico/emocional, assédio sexual, ameaças e intimidação, misoginia
- Cão ferido — mas se leu *Leather & Lark*, já sabe que o *Bentley* vai ficar bem! Ele é demasiado rabugento e duro para morrer
- Negligência parental, abuso físico de crianças (não representado)
- Numerosas armas e objetos afiados, incluindo facas, pistolas,

tacos de baseball, ganchos de metal e uma biseladora — por esta altura, o leitor já deve estar habituado a isto

- Cenas de sexo pormenorizadas, que incluem (mas não se limitam a): brinquedos para adultos, taras primárias, taras com esperma, sexo anal, sexo à bruta, atos sexuais em público
- Linguagem explícita e colorida, incluindo muitos palavrões. Não diga que não o avisei!
- Há muitos ferimentos e mortes... é um livro sobre um médico e uma assassina em série que se apaixonam, por isso acho que isso é provavelmente um dado adquirido

Atenção, se é o tipo de leitor que gosta de saltar os epílogos, peço-lhe humildemente que abra uma exceção! Não há bebés nem gravidezes, mas pode haver uma ou duas surpresas que não vai querer perder. Confie em mim! («*Mas o gelado!*», diz você. «*A pizza! A cerveja, os batidos e o cálcio especial!*» Eu sei, eu sei — mas desta vez confie em mim. Haha!)

Para aqueles que leram o *B&B* e o *L&L* e disseram:
«Bolas, já aguentei o gelado e a *pizza*, mais vale continuar»...
você são de facto a minha gente.
Isto é para vocês!

PLAYLIST

Clique num código QR para ouvir:

Apple Music



Spotify



CAPÍTULO UM: ÂS DE COPAS

Handmade Heaven, MARINA

The Inversion, Joywave

CAPÍTULO DOIS: PROMESSA

Mess Is Mine, Vance Joy

Fight to Feel Alive, Erin McCarley

CAPÍTULO TRÊS: ENCALHADA

Lost & Far from Home, Katie Costello

My Heart, The Perishers

CAPÍTULO QUATRO: PRINCESA DA PRADARIA

The Daylight, Andrew Belle

Next Time, Greg Laswell

Silenced by the Night, Keane

CAPÍTULO CINCO: POR DIZER

Traveling at the Speed of Light, Joywave
Never Be Alone, The Last Royals
In a Week, Hozier (com Karen Cowley)

CAPÍTULO SEIS: SOMBRAS

Orca, Wintersleep
Look After You, Aron Wright
Darker Side, RHODES

CAPÍTULO SETE: TCHARAM

Man's World, MARINA
Fun Never Ends, Barns Courtney

CAPÍTULO OITO: FORÇA PARA EMPURRAR

Roses R Red, CRAY
Shutdown, Joywave
Minuet for a Cheap Piano, A Winged Victory for the Sullen

CAPÍTULO NOVE: SUTURAS

You Haunt Me, Sir Sly
Evelyn, Gregory Alan Isakov
Reflections, TWO LANES

CAPÍTULO DEZ: RENEGADO

Every Window Is a Mirror, Joywave
Is It Any Wonder?, Keane
San Francisco, Gregory Alan Isakov

CAPÍTULO ONZE: ESTILO BESTA

Too Young to Die, Barns Courtney
Take It on Faith, Matt Mays

CAPÍTULO DOZE: REDUÇÃO

Strangers, Wave & Rome
Sister, Andrew Belle

CAPÍTULO TREZE: COÇADELA

Helium, Glass Animals

THE GREATEST, Billie Eilish

Fear and Loathing, Marina and The Diamonds

CAPÍTULO CATORZE: IMPRUDENTE

The Few Things, JP Saxe (com Charlotte Lawrence)

Pieces, Andrew Belle

CAPÍTULO QUINZE: DESCIDA

Twist, Dizzy

First, Cold War Kids

Cold Night, Begonia

CAPÍTULO DEZASSEIS: REVELAÇÃO

Horizon, Andrew Belle

All Comes Crashing, Metric

Realization, TWO LANES

CAPÍTULO DEZASSETE: GOLPE DE SORTE

I Know What You're Thinking and It's Awful, The Dears

Shrike, Hozier

Butterflies, Tom Odell (com AURORA)

CAPÍTULO DEZOITO: BARREIRAS

Fun, Sir Sly

Nuclear War, Sara Jackson-Holman

watch what i do, CRAY

CAPÍTULO DEZANOVE: CONFEITARIA

About Love, MARINA

We're All Gonna Die, CRAY

CAPÍTULO VINTE: GARRAS

Coming Apart, Joywave

The Aviator, Stars of Track and Field

Wandering Wolf, Wave & Rome

CAPÍTULO VINTE E UM: ASSOMBRADO

I Love You But I Love Me More, MARINA

Mayday!!! Fiesta Fever, AWOLNATION (com Alex Ebert)

Content, Joywave

CAPÍTULO VINTE E DOIS: CANTOS ESCUROS

Come Back for Me, Jaymes Young

Monsoon, Sara Jackson-Holman

Au Revoir, OneRepublic

CAPÍTULO VINTE E TRÊS: SEM RESTRIÇÕES

Arches, Agnes Obel

Master & a Hound, Gregory Alan Isakov

Sweet Apocalypse, Lambert

CAPÍTULO VINTE E QUATRO: CAMPOS DE BATALHA

Into the Fire, Erin McCarley

Particles, Ólafur Arnalds & Nanna

Hold On, Chord Overstreet

CAPÍTULO VINTE E CINCO: TEMPO ESGOTADO

Stranger, Katie Costello

Viva La Vida, Sofia Karlberg

CAPÍTULO VINTE E SEIS: MISSIVA

Can I Exist, MISSIO

Cardiology, Sara Jackson-Holman

For You, Greg Laswell

CAPÍTULO VINTE E SETE: TRÊS DE ESPADAS

Fall for Me, Sleep Token

Quietly Yours, Birdy

The Shade, Metric

EPÍLOGO UM: MAPAS

Close to You, Gracie Abrams

Maps, Yeah Yeah Yeahs

Re-Arrange Again, Erin McCarley

EPÍLOGO DOIS: LÂMINA DE RAIVA

Serial Killer, Slayyyter

CAPÍTULO EXTRA: SUSPENSO

Official, Charli XCX

Kiss Me, Empress Of (com Rina Sawayama)

ÁS DE COPAS



Rose

Se batermos na nuca de alguém com força suficiente, podemos fazer os seus olhos saltarem-lhe das órbitas.

Ou, pelo menos, foi o que li algures. E é nisso que estou a pensar enquanto baralho as minhas cartas de *tarot*, olhando para o cretino de aspeto duvidoso a noventa centímetros de distância, enquanto ele deita álcool de um frasco na sua gasosa e dá uma grande golada. Limpa o que escorreu do queixo com a manga da camisa axadrezada, largando rapidamente um arrote, e a seguir enfia metade do seu cachorro-quente na sua bocarra nojenta antes de dar outro gole.

Eu era capaz de bater naquela grande cabeça de ovo com tanta força que até os berlindes lhe saltavam das órbitas.

E a mulher sentada à minha frente? Aposto que ela não se importaria nem um bocadinho.

Contenho um sorriso sombrio e espero que ela não tenha notado o brilho malicioso na minha expressão. Mas mesmo apesar das vibrações assassinas que provavelmente estou a transmitir, e das distrações do Circo Silveria para lá da porta aberta da minha tenda de *tarot*, a sua atenção parece estar fixa nas cartas, com toda a sua concentração colada a elas enquanto as baralho. Não há qualquer luz nos seus olhos, um deles com uma nódoa negra a desvanecer-se.

O sangue dispara nas minhas veias e eu forço o meu olhar a não se voltar a desviar para o homem. O homem *dela*.

Quando a sua atenção finalmente se desvia do movimento repetitivo das minhas mãos e ela começa a torcer-se no seu assento para dar uma olhadela ao marido, paro abruptamente de baralhar e bato com as cartas na mesa. Ela assusta-se mais do que seria normal, tal como eu pensava que ia acontecer. Tal como eu tinha esperanças de que não acontecesse.

— Desculpe — digo, e estou a falar a sério. Ela olha para mim com medo nos olhos. Medo *a sério*. Mas faz-me um sorriso fraco. — Como é que se chama?

— Lucy — responde.

— Muito bem, Lucy. Não lhe vou perguntar qual é a sua questão. Mas quero que a mantenha na sua mente.

A Lucy assente com a cabeça. Viro a primeira carta. Já sei o que é que vai ser. As suas bordas estão gastas pelo uso e a imagem desvanecida pelo tempo.

— Ás de Copas — anuncio enquanto coloco a carta em cima da mesa e a empurro para ela. Ela levanta o olhar da imagem para mim, com uma pergunta no seu sobrolho franzido. — Representa seguir a nossa voz interior. O que é que ela lhe diz? O que é que deseja?

Só há uma coisa que eu espero que ela diga: *levantar voo*.

Mas ela não o diz.

— Não sei — responde a Lucy quase num sussurro. A decepção instala-se como um espinho por baixo da minha pele enquanto ela torce os dedos em cima da mesa, com a sua aliança de ouro riscada e baça. — O Matt quer comprar outro terreno para cultivar no próximo ano, mas eu quero guardar algum dinheiro para os miúdos. Talvez fosse bom sair do Nebraska durante uma semana, levar as crianças a ver a minha mãe e não me preocupar com o preço da gasolina. É a esse o tipo de coisa que se refere...?

— Pode ser. — Encolho os ombros e pego nas cartas, baralhando-as novamente. Desta vez, não vou guiar o Ás de Copas para o topo do monte. Vou deixar que o jogo lhe diga o que ela precisa de ouvir. — O que é importante é o que significa para *si*. Vamos recomeçar, e mantenha isso em mente.

Faço a leitura da Lucy. Sete de Copas. Valeta de Copas. Dois de Paus. Sinais de mudança e de que existem opções para o seu futuro, se ela estiver disposta a ter fé e a aceitá-las. Nem sequer tenho a certeza se ela está recetiva para receber uma mensagem das minhas cartas. Ainda mal acabei a leitura quando os seus três filhos entram na tenda, duas raparigas e um rapaz, com as caras pegajosas e sujas de doces. Falam uns por cima dos outros, cada um a querer ser o primeiro a contar-lhe sobre as diversões, os jogos ou os espetáculos que se aproximam. *Eles têm palhaços, mamã. Mamã, viste o cuspidor de fogo? Vi um jogo onde se pode ganhar um peluche, mamã, vem ver. Mamã, mamã, mamã...*

— Miúdos — interrompe uma voz áspera à entrada da minha tenda de *tarot*. Os seus corpos magros ficam imóveis e rígidos perante o seu tom áspero. À minha frente, os olhos da Lucy arregalam-se. Ela não deixa que aquela

expressão se prolongue, mas eu vejo-a na mesma: a mancha baça de um terror crónico nos seus olhos. A forma como a sua expressão se torna mortíça antes de ela se virar. Levanto os olhos para o homem que está à minha porta, com a sua gasosa com álcool numa mão e um punhado de bilhetes na outra. — Vá lá, levem-nos. Vão ter com a vossa mãe à porta da tenda do circo daqui a uma hora, para o espetáculo.

A criança mais velha, o rapaz, pega nos bilhetes e agarra-os contra o peito como se pudessem ser-lhe arrancados com a mesma facilidade com que lhe foram dados.

— Obrigado, papá.

Os miúdos passam rente ao pai, que continua imóvel à entrada da tenda. Fica a vê-los desaparecer no meio da multidão antes de voltar a sua atenção para nós. Com os olhos injetados de sangue fixos na mulher, ele esvazia o seu copo de plástico e atira-o para o chão.

— Vamos embora.

A Lucy assente com a cabeça e levanta-se. Deixa uma nota de vinte dólares em cima da mesa com um sorriso frágil e um sussurro de agradecimento. Eu gostaria de lhe dar a leitura de graça, mas conheço homens como o dela. Eles são instáveis. Estão dispostos a deitar as mãos ao pescoço de uma mulher pela mais pequena coisa, como pena ou caridade. Aprendi há muito tempo a cingir-me à troca de valor, mesmo que ele possa gritar com ela mais tarde por gastar dinheiro numa coisa tão frívola como uma mensagem do universo.

A Lucy sai da tenda. O marido fica a vê-la afastar-se.

E em seguida vira-se para mim.

— Você não devia encher-lhe a cabeça com ideias malucas — diz ele com ar desdenhoso. — Ela já tem ideias parvas que cheguem.

Pego nas minhas cartas de *tarot* e baralho-as. O meu coração raspa nos meus ossos a cada batida de fúria, mas mantenho os meus movimentos fluidos e uma aparência calma.

— Presumo que não vai querer uma leitura.

— O que é que lhe disse?

O homem avança pela minha tenda adentro, para se debruçar por cima da minha mesa com um ar ameaçador. Reclino-me na minha cadeira. O meu baralhar abranda até parar. Fixamos o nosso olhar um no outro.

— As mesmas tretas que digo a toda a gente que vem aqui — minto. — Siga os seus sonhos. Confie no seu coração. Há coisas boas no seu futuro.

— Lá nisso tem razão. — Um sorriso sombrio repuxa os cantos dos

lábios do homem enquanto ele tira a nota de vinte dólares de cima da mesa e faz questão de a dobrar à minha frente. — Há coisas boas no meu futuro.

Faz-me um leve aceno com a cabeça, enfia a nota na algibeira e afasta-se, dirigindo-se para a banca de bebidas mais próxima, onde se encontra um dos seus amigos igualmente duvidosos. Fico a olhar para ele com raiva até que finalmente fecho os olhos, tentando afastá-lo dos meus pensamentos, voltando a concentrar a minha energia enquanto continuo a baralhar as cartas. Pego no meu cristal de selenite para limpar o baralho e cortar a ligação entre nós, mas os meus pensamentos continuam a vaguear para a Lucy. A imagem da auréola arroxeadada à volta do olho dela regressa, por mais que eu me esforce para a afastar. A expressão mortíça nos seus olhos assombra-me. Já vi esse olhar muitas vezes. Nas mulheres que tiraram o Ás de Copas. Na minha mãe. No espelho.

Respiro fundo. Tiro a minha primeira carta com uma pergunta na cabeça.

A Lucy não pediu ajuda. Mas ela está a precisar. O que é que devo fazer?

Viro a primeira carta e abro os olhos.

A Torre. Tumulto. Mudança súbita.

Inclino a cabeça e tiro outra.

Dois de Paus. Há oportunidades, se estiveres na disposição de te aventurares para além das muralhas do teu castelo. O terreno mais além pode ser rochoso, mas é vibrante. Arrisca. Experimenta algo novo. Uma vida com significado é construída através de escolhas.

— Hum. Acho que estou a ver onde é que isto vai dar, mas não era isso que eu estava a perguntar.

Cavaleiro de Copas. A chegada de um amor romântico.

— *Para com isso.* A minha pergunta era a respeito de rebentar o crânio daquele idiota. Não era sobre paixões, nem nada do género. Fala-me realmente sobre a minha pergunta.

Volto a baralhar as cartas. Mantenho a minha pergunta em mente e tiro a primeira carta.

A Torre.

— Porra, avozinha. Deixa-te disso. — Respiro fundo enquanto o meu dedo brinca com o rebordo da carta e olho lá para fora, para o recinto da feira para lá da porta da minha tenda. Eu devia mesmo ir-me embora daqui. Esquecer esta consulta. Mudar de roupa e preparar-me para a minha próxima atuação na tenda grande. Andar no Globo da Morte numa mota com outros dois artistas não deixa qualquer margem para erros e tenho de estar concentrada. Mas o marido da Lucy ainda está no meu campo de visão. E

nesta altura o Bazyli passa por mim. Vou considerar isso como o sinal de que estava à procura.

— *Baz* — chamo, fazendo o adolescente interromper o seu caminho. Os seus membros trapalhões estão bronzeados e manchados de óleo. — Chega aqui.

Chispas saem literalmente dos seus olhos. Os seus lábios abrem-se num sorriso de dentes afastados.

— Vai custar-te umas massas.

— Mas ainda nem te disse o que quero...

— Mesmo assim vai custar-te umas massas.

Reviro os olhos e o Baz sorri enquanto entra na minha tenda a saltitar, com toda a arrogância de um típico miúdo de quinze anos. Faço um sinal com a cabeça para o recinto da feira. Ele segue o meu olhar.

— Aquele tipo ali com a camisa axadrezada ao lado da tasca da gorduraça.

— O gajo com uma cabeça que parece um ovo?

— Sim. Preciso de saber os dados dele. Basta a carta de condução. E vinte dólares, se ele tiver dinheiro na carteira.

A atenção do Baz fixa-se nas minhas mãos enquanto volto a pôr a carta da Torre no baralho.

— Eu não sou um ladrão. Sou um *mágico* — diz ele, e faz aparecer uma flor com um movimento rápido das suas mãos. — A única coisa que roubo são corações.

Reviro os olhos e o Baz sorri enquanto me dá a flor.

— Eu sei que não és um ladrão. Mas aquele ali, o Cabeça de Ovo, é. Ele acabou de me roubar vinte dólares e quero que os devolvas ali à mulher dele. A que tem o cabelo louro e a blusa azul. — Faço um gesto para a Lucy, ao longe, enquanto ela se dirige sozinha para uma banca de *snacks*. — Ela vai estar com três miúdos na tenda durante o espetáculo. Quero que lhe devolvas o dinheiro e que me dêes a carta de condução.

O Baz encara-me, com os olhos a estreitarem-se.

— Seja o que for que estejas a tramar, eu posso ajudar, sabes?

— Já vais estar a ajudar. Ao arranjar-me aquela carta de condução.

— Faço isso de graça, se me deixares ajudar.

— Nada feito, miúdo. A tua mãe ia-me pendurar no trapézio pelo pescoço. Arranja-me simplesmente essa carta de condução. Eu compro-te uma banda desenhada do *Venom*.

O Baz encolhe os ombros. Revira a ponta do sapato na erva pisada, a tentar desviar a atenção de mim.

— Eu já tenho quase todas.

— Da série *Dark Origins* não tens. — Os olhos do Baz fixam-se de imediato nos meus. Tento reprimir um sorriso perante a avidez que ele não consegue esconder. — Sei que te faltam os dois últimos. Eu arranjo-os para ti.

— OK... mas também me emprestas a tua piscina insuflável.

Franzo o nariz e inclino a cabeça.

— Claro... Acho que sim...

— E preciso de bananas.

— Está bem...

— E um ananás. E também daqueles palitinhos de *cocktail*.

— Mas que raio? — Não é invulgar os outros artistas e a equipa do circo mandarem-me ir buscar artigos ou petiscos aleatórios às cidades onde paramos. Sou uma das poucas que tem um segundo veículo com que pode sair do recinto. Não preciso de me deslocar na minha casa inteira só para ir à loja. Mas isso significa que tenho tido pedidos de uma vasta variedade de tretas. Preservativos, frequentemente. Testes de gravidez também. Legumes da época. *Croissants* frescos de uma padaria local. Livros. *Whisky*. Mas... — Um ananás?

— A minha mãe disse que me dava uma *PlayStation* quando finalmente tivesse umas férias. Como há poucas hipóteses de isso acontecer, pensei em trazer as férias até ela. — O Baz cruza os braços e endireita-se como se estivesse prestes a entrar em combate. — É pegar ou largar, Rose.

Estendo a mão para ele, com o coração um pouco mais quente do que estava antes.

— Combinado. Mas tem cuidado, sim? O cabeça de ovo pode dar sarilhos.

O Baz assente, aperta a minha mão e em seguida sai dali disparado para cumprir a sua missão. Fico a ver como ele abre caminho por entre as crianças com as suas pipocas, algodão doce e peluches, adolescentes a tagarelar sobre as melhores atrações e casais que saem da casa assombrada, a rir com a vergonha de os nossos atores os terem conseguido assustar nos cantos escuros. Estes são os momentos que normalmente adoro no meu lar aqui no Circo Silveria. Momentos de magia, por mais pequenos que possam ser.

Mas hoje, a única magia que procuro é do tipo sombrio e perigoso.

Observo enquanto o Baz se vai aproximando dos dois homens. O meu coração bate contra as minhas costelas quando ele se coloca atrás do marido da Lucy e lhe tira a carteira do bolso de trás enquanto o homem está distraído com uma gargalhada. Quando o Baz a tem na mão, vira-se apenas o tempo suficiente para abrir a carteira e tirar a carta de condução da ranhura.

A seguir, tira o dinheiro e mete a nota nas calças de ganga antes de terminar uma volta completa. Em poucos segundos, a carteira está de volta ao bolso do homem.

Pego no meu baralho de *tarot* e na selenita e saio da tenda, virando a placa à entrada de ABERTO para FECHADO, apesar de estar prestes a perder mais uma ou duas leituras ao notar mais uma mulher que se aproxima da tenda com uma nota de vinte dólares entre os dedos. Percebo o breve lampejo de decepção no rosto dela, mesmo sem desviar a vista do Baz. Ele também não tira os olhos de mim. Passamos um pelo outro enquanto me vou encaminhando para a minha caravana. Mal o sinto, só me dou conta porque sei do que estou à espera. Um ligeiro toque a roçar a minha anca.

Quando entro na minha autocaravana, tiro a carta de condução da minha algibeira. *Matthew Cranwell*. Pego no meu telemóvel e vejo a morada dele no mapa do Nebraska. Vinte quilómetros de distância, perto de Elmsdale, a cidade mais próxima. Uma que tem um supermercado maior do que Hartford. Talvez mais esperanças de encontrar um ananás de boa qualidade. Passo o polegar pela fotografia do rosto tisonado do Matt. Com um ligeiro sorriso nos lábios, visto as minhas calças de cabedal e um *top* de alças, metendo a carta de condução dele no bolso interior do meu blusão de motociclista.

É a primeira noite de espetáculos aqui em Hartford, e a tenda do circo está cheia de habitantes locais que vieram das cidades circundantes para ver o espetáculo. E o Circo Silveria orgulha-se de ter um grande programa. Observo por detrás da cortina enquanto o José Silveria apresenta cada artista. Os palhaços, com os seus carros em miniatura, o seu número de malabarismo e a sua rotina de comédia física. Santiago, *o Surreal*, um mágico que impressiona o público com uma série de truques que esconde como um segredo bem guardado. O Baz ajuda-o com o número, sempre como um aprendiz ávido, a única pessoa a quem Santiago confia os seus segredos. Há trapezistas e acrobatas aéreos em fitas de seda, sendo a mãe do Baz, a Zofia, a principal artista do grupo. Os únicos animais que temos são a trupe de caniches amestrados da Cheryl, que fazem sempre as delícias dos miúdos, especialmente quando ela pede voluntários do público. E por último, o número final é sempre comigo e com os gémeos, Adrian e Alin. O Globo da Morte. O cheiro da grelha metálica e dos fumos de escape, a descarga de adrenalina. O rugido das nossas motas enquanto aceleramos dentro da gaiola, que parece demasiado pequena para nós os três. A excitação da multidão a aplaudir. Adoro a velocidade e o risco. Talvez goste um bocadinho demais. Porque, por vezes, parece que não é suficiente.

Saio da gaiola depois de terminarmos a nossa atuação, parando entre o Adrian e o Alin enquanto acenamos ao público. A carta de condução do Matt Cranwell queima no meu bolso como se estivesse a fazer uma marca na minha carne.

Saio dali assim que me posso escapar.

Troco a minha mota todo-o-terreno pela minha *Triumph*, e o meu capacete do espetáculo pelo meu ICON com uma pintura personalizada, ponho o meu conjunto de miniferramentas no bolso e em seguida dirijo-me para Elmsdale, com o Sol já baixo a perseguir-me pelas estradas retas e planas. Passo pelo supermercado num ápice, pego em bananas e num ananás de aspeto triste e em tudo o que pareça remotamente tropical, juntamente com um tubo frágil cheio de palitos de *cocktail*. Depois de pagar, meto tudo na minha mochila surrada, decidindo ir à procura de uma melhor numa próxima paragem.

Ao sair da loja, pego no meu telemóvel e verifico novamente o endereço do Matt Cranwell, introduzindo-o no mapa. O percurso é bastante simples, pela rede de ruas de uma pequena povoação. Ele não pode estar a mais de dez minutos da cidade. O tempo está perfeito, o Sol ainda está suficientemente alto para que, se eu der uma voltinha de reconhecimento, ainda consiga estar de volta ao recinto da feira antes de escurecer.

A memória da carta da Torre sobrepõe-se à minha visão do mapa como uma película opaca. Franço o nariz. Paro ao lado da minha mota e coloco o telemóvel no suporte montado no guiador.

Talvez isto seja um pouco disparatado. Não é a minha maneira de atuar habitual. Mas ultimamente tenho querido mudar os hábitos. Sei que preciso de fazer isso. Já o sei há algum tempo. Se quero continuar a ajudar mulheres como a Lucy a *levantar voo*, já não basta dar-lhes os meios para o fazerem. Se vou em frente, tenho mesmo *de ir*, estão a ver? Acelerar. A todo o gás. Referências a motas à parte, já não é justo continuar à margem da ação. Posso estar a fornecer os meios para corrigir alguns erros, mas sempre estive a um passo de distância de passar de facto à *prática*.

Baixo os olhos para o cravo minúsculo tatuado no meu pulso. Os meus dedos seguem as iniciais ao lado dele. V.R. Não posso deixar que o que aconteceu no ano passado volte a acontecer. *Nunca mais*.

Não só é errado passar a responsabilidade de acabar com uma vida a alguém que pode estar mal preparado para o fazer, como também é um tanto aborrecido. Eu quero acabar com alguém como o Matt Cranwell com as minhas próprias mãos.

Pelo menos, acho que quero.

Não. *De certeza* que quero. É um facto... *mais ou menos...* e eu tenho mesmo essa vontade, e talvez isso consiga coçar a comichão no fundo do meu cérebro que anseia por *mais*.

Além disso, não há nada que diga que tenho de o fazer neste preciso momento. Só tenho de passar por lá e ver o sítio. E depois tenho uns dias para atuar e passamos à próxima cidade. O próximo espetáculo. Há sempre uma próxima mulher que vive com medo. Que pede a minha ajuda em mensagens codificadas e olhares preocupados. Um próximo homem a abater.

Passo uma perna por cima da minha mota, ligo o motor e saio do parque de estacionamento para a estrada rural.

Não demora muito até ir parar a uma área extensa de milheirais e a um caminho de gravilha que leva a uma pequena quinta com alguns anexos. Estaciono numa depressão na estrada onde a minha mota fica escondida pelos pés de milho. O meu coração lateja-me na garganta quando tiro o capacete e fico simplesmente à escuta.

Não se ouve nada.

Não sei bem do que estava à espera. Talvez um sinal óbvio. Mas nada parece acontecer. Fico apenas ali parada ao fundo do caminho a olhar para a casa pequena mas bem cuidada, que podia ser de qualquer pessoa. Baloíços no quintal. Bicicletas deixadas no relvado. Uma luva de apanhador e um taco de baseball ao lado dos canteiros elevados de uma horta. Flores em vasos pendurados, uma bandeira a abanar ao sabor da brisa. Uma casa de campo tipicamente americana.

Por um momento, pergunto-me se estarei na casa errada. Ou talvez tenha imaginado tudo o que pensei ter visto na tenda de *tarot*.

E então ouço gritos.

Uma porta de rede a bater. Os miúdos saem de casa e dirigem-se para as suas bicicletas, montando-se nelas para se afastarem do caos com os pés descalços. Desaparecem nas traseiras da propriedade. A gritaria continua lá dentro, como se eles não tivessem saído. Não consigo perceber as palavras. Mas a raiva na voz dele é clara. Cada vez mais alta, até parecer que as janelas se vão rachar. A casa está invadida por ela. E depois um estrondo, algo atirado lá dentro. E um grito.

Já estou a meio caminho da estrada de acesso antes de me aperceber do que estou a fazer. Mas agora é demasiado tarde para parar. Volto a colocar o capacete e baixo a viseira espelhada. Passo pelos canteiros altos com vegetais e pego no taco de baseball de alumínio no momento em que a porta de rede

bate com estrondo e o Matt se precipita para o alpendre. Fico paralisada, mas ele nem sequer repara em mim, com a sua atenção concentrada no telemóvel que tem nas mãos. Desce os degraus, com uma expressão carregada no seu rosto curtido, e começa a encaminhar-se para a carrinha estacionada ao lado da casa.

Aperto o taco com mais força.

Eu podia parar. Baixar-me entre os pés de milho e esconder-me. Ele vai virar-se a qualquer momento e ver-me. Será inevitável assim que ele entrar no veículo. A menos que eu me esconda *agora*.

Mas há uma coisa que continua a soar repetidamente nos meus pensamentos.

O espetáculo não pode começar enquanto não te lançares.

Por isso, arrisco.

Mantenho-me na área de relva enquanto avanço rapidamente na direção dele. Passos leves. Na ponta dos pés. Taco a postos. Ele está a aproximar-se da frente da carrinha. Os seus olhos continuam fixos no ecrã. Estou a aproximar-me e ele ainda não sabe.

O meu coração bate-me contra as costelas. A minha respiração é rápida com o terror e a excitação. Os rebordos da minha viseira embaciam-se.

Dou o meu primeiro passo sobre a gravilha e a cabeça do Matt vira-se bruscamente. Um segundo passo e ele deixa cair o telemóvel. Levanto o taco. Ao terceiro passo dou-lhe com ele na cabeça.

Mas o Matt já se estava a mexer.

Atingi-o, mas o golpe não foi suficientemente forte. Ele baixa-se e cambaleia, mas o impacto só o enfurece. Não foi o suficiente para o derrubar. Por isso, volto a bater-lhe. Mas desta vez ele agarra o taco.

— Mas que raio — rosna ele. Arranca a arma da minha mão e envolve as suas no cabo. — Puta de merda.

Um momento de instabilidade nos meus pés é tudo o que ele precisa. Brande o taco com toda a força que consegue e atinge-me a parte inferior da perna com a força de um relâmpago.

Caio no chão. Estatelo-me de costas. A arquejar para respirar. Por um breve e glorioso momento, não sinto qualquer dor.

E em seguida percorre-me como um choque elétrico.

Uma agonia dilacerante sobe da minha perna até à coxa e atravessa o meu corpo até explodir num soluço sufocado. Inspiro uma golfada de ar, mas não entra o suficiente através do meu capacete. O que entra é o cheiro a *piña colada*, a fruta esmagada que caiu da minha mochila rasgada, com as costuras

esgaçadas pelo impacto da minha queda. É cruel. Uma doçura doentia e uma dor ofuscante.

O taco abate-se uma segunda vez e atinge-me a coxa. Mas mal o sinto. A dor na parte inferior da minha perna é tão forte que uma terceira pancada parece apenas um baque surdo.

Vejo os olhos do Matt Cranwell através da minha viseira. Apenas um instante. O suficiente para ver determinação. Malícia. Até a excitação fria de matar. O universo inteiro abranda quando ele levanta o taco acima da sua cabeça. Está posicionado por cima da minha perna lesionada. Se ele me bater na perna outra vez, sei que vou desmaiar. E a seguir ele mata-me.

A minha mão arranha a gravilha. As unhas cravam-se na terra. Agarro num punhado de areia e de pedrinhas e, quando ele está prestes a dar a tacada, atiro-o à cara do Matt Cranwell.

Ele dobra-se pela cintura com um grito de frustração, baixando o taco para tirar a gravilha dos olhos. Arranco-lhe a arma do punho, mas ele é suficientemente rápido para a agarrar novamente, mesmo com os olhos a lacrimejar, deixando cair lágrimas empoeiradas pela cara abaixo. Dou-lhe um pontapé na mão com o meu pé bom e o taco voa para o milheiral. Antes que ele se consiga recompor, dou-lhe um pontapé no joelho e ele cai ao meu nível.

Recuo a esgatanhar. A minha mão esquerda escorrega na gosma de uma banana esmagada. O Matt Cranwell rasteja atrás de mim, meio cego de poeira e de raiva. Estende a mão para a frente e eu tateio à minha volta à procura de alguma coisa para agarrar. Uma arma. Uma réstia de esperança. Qualquer coisa.

Passo a mão pela gravilha e uma ponta afiada espeta-se na minha palma. Olho para o lado apenas o tempo suficiente para ver os palitos de *cocktail* espalhados ao lado dos meus dedos. Um maço deles repousa no tubo de plástico estilhaçado.

Agarro-os no momento em que o Cranwell deita a mão ao meu tornozelo da perna partida e me puxa.

O grito que solto é de agonia, de raiva feroz e de desespero. Lanço-me para a frente, com os espetos em punho. E enfio as pontas afiadas diretamente no olho do Matt Cranwell.

Ele dá um grito. Liberta o meu tornozelo. Contorce-se na poeira, levando uma mão trémula à cara. Vira-se na minha direção enquanto se debate com a dor de que não consegue escapar. O sangue escorre-lhe pelas pestanas e desce-lhe pela face num riacho vermelho e viscoso. Três paus de

cocktail saem-lhe do olho como um artesanato macabro de infantário. As bandeirinhas dos palitos estremeceem com o choque. A pálpebra dele tenta pestanejar, um reflexo que não consegue evitar. Cada movimento da pálpebra bate no espeto de madeira que está mais acima e ele sacode-se com uma nova pontada de dor. Ele está a gritar. A gritar com um som como eu nunca tinha ouvido antes.

O meu estômago revolve-se e tenho uma ânsia de vomitar no capacete. Consigo engolir o vômito, mas por pouco.

Tenho de me pôr a andar daqui para fora.

Viro-me e levanto-me sobre o meu pé bom, arrastando o outro atrás de mim enquanto coxeio até ao fundo do caminho de acesso. O Matt continua a gritar atrás de mim, com palavrões e súplicas que me perseguem pela estrada de gravilha fora.

As lágrimas escorrem-me pela cara abaixo. Os meus molares apertam-se com força, quase a estalar. Cada salto que dou obriga a minha perna partida a aguentar a pressão do passo. Agonia. É uma *agonia* do caraças. Uma pontada de dor que vai do meu calcanhar até à coxa. Que ameaça deitar-me abaixo.

— Continua, porra — murmuro enquanto abro a viseira. A minha primeira lufada de ar fresco é a única coisa que me mantém de pé.

Não sei o que acontece quando se é espetado no olho com um punhado de pauzinhos de *cocktail*. O outro olho dele pode estar fechado. Mas talvez ele seja capaz de lutar contra a dor e correr atrás de mim. Mas não posso pensar nessa merda agora. Só preciso de chegar à minha mota. Agarrar-me à esperança de conseguir fugir.

Quando chego ao fundo do caminho, olho para a quinta. O Matt Cranwell está de gatas, ainda a gritar e a praguejar, a cuspir veneno e a escorrer sangue para a gravilha. E então olho para a casa. A Lucy está ali, de pé atrás da porta de rede. Uma silhueta. Não consigo ver a cara dela, mas posso sentir os seus olhos em mim. Ela não me consegue ver claramente a esta distância, não com o capacete a ocultar a maior parte do meu rosto. Não me conhece suficientemente bem para me reconhecer pelas minhas roupas ou pelos meus maneirismos. Ela sabe que aconteceu alguma coisa que alterou a sua vida, que algo está muito errado neste momento, com o marido a gritar de aflição na estrada de acesso. Mas não é a ele que ela está a observar. É a mim.

Ela fecha a porta e desaparece dentro de casa.

Deixo o Matt onde ele merece, a rebolar na terra. Coxeio até à minha mota. Quando passo a perna por cima do assento, alguma coisa fica presa contra o interior das minhas calças de cabedal. A dor sobe-me pela perna

acima. Mas eu continuo. Ligo o motor. Fecho a mão à volta da embraiagem. Meto a mudança, puxo o acelerador e ponho-me a andar desta quinta.

Não sei para onde ir.

Apenas sigo o meu instinto e vou.